

O CANTO DO ASSUM PRETO: Uma análise estética

Ibrantina Guedes Lopes

*Licenciada em Letras e Música. Pós-graduanda do Curso de
Especialização em Cultura Pernambucana da FAFIRE
Membro da Associação Brasileira de Educação Musical*

RESUMO: Esteticamente a canção possibilita a visualização e fruição da beleza não somente a partir dos pressupostos literários, mas também musicais, já que se trata de letra e música. A dimensão da experiência estética pode ser compreendida e analisada a partir de diferentes olhares e pressupostos teóricos. Um dos caminhos escolhidos neste trabalho será a tentativa de identificar alguns elementos estéticos presentes na letra da canção *Assum Preto* de autoria de Luiz Gonzaga.

PALAVRAS-CHAVE: Beleza, Análise Estética

Introdução

O objeto de estudo da estética é a Beleza. Segundo Suassuna (2005), os filósofos gregos já se preocupavam com esse tema, visto que tanto a leitura subjetiva como a objetiva da estética remontam ao pensamento de Platão e Aristóteles. Esta preocupação justifica-se, à medida que se compreende que o homem encontra-se em contato com a experiência estética ao longo de sua existência. Kant interpretou a experiência estética a partir do olhar do sujeito. A beleza deslocou-se do objeto para o sujeito. Sucintamente, ao longo da História da Filosofia, o pensamento estético foi sendo interpretado, contestado, reforçado basicamente a partir desses três pensamentos filosóficos.

A título de exemplificação, menciona-se o pensamento de Duarte Júnior (1987). A partir de uma visão psicológica, argumenta que a experiência estética está relacionada

à relação entre o sujeito e objeto: “A beleza não nasce e vive em nossa consciência por si própria. Ela não se encontra nem no objeto em si mesmo, nem isoladamente nos sujeitos humanos. A beleza habita a relação. A beleza está entre o sujeito e o objeto.” (Duarte Júnior, 1987. p.45). Ou seja, a beleza não se encontra nem no objeto, nem no sujeito, mas na possibilidade de relação entre ambos. A dimensão da experiência estética pode, desse forma, ser compreendida e analisada a partir de diferentes olhares e pressupostos teóricos. Um dos caminhos escolhidos neste trabalho será a tentativa de identificar alguns elementos estéticos presentes na letra das canção Assum Preto.

No texto percebe-se aspectos da vida cotidiana, uma certa dramatização transfigurada em uma linguagem lírica peculiar à poesia. O tema triste e saudoso levando à melancolia. O texto é construído a partir de metáforas que traduzem emotividade e criam imagens plásticas. O discurso é construído a partir da subjetividade de um “eu” lírico. Esses dados indicam a compreensão da atualidade de tratar-se de um texto literário, conforme Andrade (1984).

Análise

Assum Preto

Humberto Teixeira/ Luiz Gonzaga

*Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio
não vendo a luz, ai, canta de dor.*

*Tarvez por ignorança
ou mardade das pió
furaro os óio do assum preto
para ele assim, ai, cantá mió*

*Assum preto véve sorto
mas num pode avoar*

*mil vez a sina de uma gaiola
desde que o céu, ai, pudesse oiar*

*Assum preto, meu cantar
é tão triste como o teu
também robaro o meu amor
que era a luz , ai, dos óios meus.*

O texto se inicia descrevendo, de forma plástica, o cenário: a beleza de uma paisagem bucólica, comum no sertão após as chuvas, pois quando há estação chuvosa na região pode-se ver o reverdecimento da mata. Esse fato traz alegria, esperança para o sertanejo. No entanto, a beleza do sol de abril e das flores não pode ser apreciada por Assum Preto, porque não a vê, já que é cego. A cegueira aqui é física, reforçada pela expressão “pleonástica”: “Cego dos óios”. Essa contradição é marcada pela conjunção adversativa “mas”.

A beleza é expressada pelo pássaro, de outra forma, a partir de um canto doído: “canta de dor”. Cantar, normalmente, é expressão de quem está alegre, mas nesse texto o canto é doloroso, é uma forma de superar a sina. O pássaro ficou cego a partir de uma circunstância externa: “furaram os óios do Assum Preto”. O “eu lírico” busca uma explicação para a cegueira do pássaro. Não sabe se foi por ignorância ou maldade, mas sabe que furaram os olhos do pássaro e quem fez isso tinha a crença de que o canto de Assum Preto seria aperfeiçoado. Não se sabe também quem cegou Assum Preto, o verbo “furaram”, na terceira pessoa do plural, indetermina o sujeito. Essa ação indica uma particularidade do local sobre o qual o “eu lírico” lança um olhar.

Agora se está diante de outra contradição: o pássaro é livre, mas não voa. Como não vê, não voa. Voar é símbolo de liberdade. Assum Preto é preso ao lugar. É livre, mas não vivencia essa liberdade da forma que se concebe para um pássaro. O “eu lírico” compara a cegueira à gaiola e expressa que a prisão da cegueira é maior do que a da gaiola. O poema termina com uma comparação e identificação entre o canto do pássaro e o do “eu lírico”. Os dois têm em comum a tristeza. O pássaro não vê em redor. Metaforicamente, o “eu lírico” diz que também é cego, pois roubaram a amada que era a

luz dos seus olhos, ou seja, a razão de sua existência. Tanto a tristeza do pássaro como a do “eu lírico” foram causadas por circunstâncias externas.

Algumas considerações sobre a linguagem. O texto foi construído a partir da oralidade. A variação lingüística encontrada é peculiar ao sertanejo: a permuta do fonema “l” por “r:” vortar, frõ, mardade, sorto; a elipse da desinência modo-temporal: furaro, robaro; a permuta do dígrafo lh por encontros vocálicos: óio, mió. A repetição da interjeição “ai” sugere o lamento e talvez indique resquícios da canção medieval.

Considerações Finais

Do exposto, percebe-se que a análise estética aponta alguns caminhos. Um deles é a percepção, no texto, de um lirismo rico em significados e construção plástica. Esteticamente a canção possibilita a visualização e fruição da beleza não somente a partir dos pressupostos literários, mas também musicais, já que se trata de letra e música.

Bibliografia

ANDRADE, Janilto. *Estudos Literários - I*. Recife: Edição Particular, 1984.

CUNHA, Helena Parente. Os Gêneros Literários. In: PORTELLA, Eduardo et alli. *Teoria Literária*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1979. p. 93-130.

DUARTE Jr. João Francisco. *O Que é Beleza*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *Ritmo e poesia*. Coleção Rex. Rio de Janeiro: Simões Editora. s.d.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

